

# A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA: A TEORIA DA VARIAÇÃO

EDILA VIANNA DA SILVA (UFF E ABRAFIL)

## INTRODUÇÃO

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável. Podemos até afirmar que essa relação é a base de constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico. Ultimamente, no entanto, em função da publicação de um livro didático, distribuído pelo MEC, vieram à baila muitas discussões, pela mídia e nas instituições de ensino, muitas das quais demonstraram desconhecimento sobre a variação linguística e a aplicação dos resultados das pesquisas nessa área ao ensino de língua materna. Resolvemos, então, tendo em vista a atualidade do assunto e os nossos trabalhos nesse campo, refletir sobre o tema da variação, objeto principal da Sociolinguística.

## UM POUCO DE TEORIA

Por que se fala de Sociolinguística? Ou de outro modo, por que existe uma área dentro da Linguística para tratar, especificamente, das relações entre linguagem e sociedade – a Sociolinguística? A linguagem não é essencialmente um fenômeno de natureza social? As respostas a questões como essas não são tão óbvias. É necessário antes de respondê-las levar em consideração razões de natureza histórica, mais precisamente, o contexto social mais amplo em que se situam aqueles que se dedicam a pensar o fenômeno linguístico, uma vez que as teorias da linguagem, sejam do passado ou atuais, sempre refletem concepções particulares do fenômeno linguístico e compreensões distintas de seu papel na vida social e evidentemente a maneira de descrevê-lo e analisá-lo.

Assim, por exemplo, um linguista como Augusto Schleicher, cujos trabalhos foram de grande importância no século XIX, propunha-se a colocar a Linguística no campo das ciências naturais e considerava a língua um organismo natural, que se poderia comparar a uma planta que nasce, cresce e morre segundo leis físicas. Esta visão, naturalística, biologizante da Linguística afastava do fato linguístico qualquer consideração de ordem social ou cultural.

Saussure, iniciador da tradição estruturalista, com seu *Curso de Linguística Geral*, em 1916, já no século XX, portanto, define a *língua* como objeto central da Linguística por oposição à *fala* e considera a língua o *sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala*. Não deveria a Linguística,

portanto, ocupar-se da *fala*; esta seria objeto de estudo da Estilística, ou mais amplamente, da Linguística externa. Segundo o autor, “o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero; mas é falso dizer que sem estes não seria possível conhecer o organismo linguístico interno.”

Bakhtin (1929), crítico da posição saussureana, considerava que a verdadeira substância da língua não era constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações.

Para Jakobson (1960), o princípio da homogeneidade do código linguístico, postulado por Saussure, não passava de uma “ficção desconcertante”, já que todo indivíduo participa de diferentes comunidades linguísticas e todo código é multiforme, abrange uma hierarquia de subcódigos diversos, livremente escolhidos pelo sujeito falante, segundo a função da mensagem, do interlocutor a quem ela é dirigida e da relação existente entre os falantes envolvidos na situação comunicativa.

Segundo Benveniste (*Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, 1968), a questão da relação entre língua e sociedade consiste em que a língua é um instrumento de análise da sociedade: descreve, conceitua, interpreta tanto a natureza quanto a experiência.

Em uma abordagem resumida, observa-se que a relação língua e sociedade foi abandonada pela escola gerativo-transformacional. Segundo Chomsky (1965), o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. De acordo com esse modelo de análise, não há heterogeneidade a sistematizar.

É nesse momento, em que o formalismo representado pela visão chomskyana da língua alcança grande repercussão, que a Sociolinguística se constitui e prospera. A constituição da Sociolinguística se deu como uma continuidade à tradição, inaugurada no início do século XX por Sapir, Boas, do que se chamou de Antropologia Linguística. Segundo essa vertente, linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, do que se conclui que a Sociolinguística teve origem multidisciplinar.

A proposta da sociolinguística é que ela deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Dizendo de outra maneira, a sociolinguística deve relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

Bright (*As dimensões da Sociolinguística*, 1974) identifica um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais a diversidade linguística pode estar associada, como por exemplo a *identidade social do emissor*, o que identificaria traços dos dialetos de classes sociais ou as diferenças entre as falas dos homens e das mulheres ou o *contexto social*, relevante no estudo das diferenças entre a função dos estilos formal e informal etc.

Resumindo, a sociolinguística parte do ponto de vista de que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações, o que significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. **E é essa heterogeneidade que, de acordo com a sociolinguística pode e deve ser**

**sistematizada: analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos da pesquisa sociolinguística. De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.**

O modelo de análise sociolinguística a que este trabalho se refere é o que se convencionou chamar de “**teoria da variação linguística**”, modelo teórico-metodológico que tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social, que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes. Esse modelo de análise linguística é também chamado de “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

O iniciador do modelo aqui apresentado é o americano William Labov, “que o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (Tarallo: 1985, p. 7) e que veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Em 1963, Labov publicou seu célebre trabalho sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachussets. Nessa pesquisa, Labov relacionou fatores como *idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude* ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês. (as vogais dos ditongos [ay] e [au]) ao qual se seguiram estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966).

Nesse trabalho, Labov observou a ocorrência da centralização das vogais dos ditongos, fato que manifesta herança fonética dos colonos Yankees, do século XVII. O uso centralizado dos referidos ditongos era a maneira de determinados moradores se reafirmarem como nativos rejeitando a pressão social feitas pelas culturas dos visitantes e veranistas. O uso da variante padrão revelaria, por parte de outros, sentimento de insatisfação, seja pela vontade de deixar a ilha ou pela vontade de que ela evoluísse e se equiparasse a outras cidades norte-americanas. Para Labov, a variante estigmatizada dos falantes nativos seria um comportamento linguístico demarcador de sua identidade social. Seguiram-se outras pesquisas tais como o estudo sobre o inglês dos adolescentes negros do Harlem, Nova York entre outros, assim iniciando uma forma mais rigorosa de analisar a variação.

## **VARIAÇÃO E VARIANTES**

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Às formas linguísticas em variação dá-se o nome de **variantes, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade**. Por exemplo: A marcação de plural no SN, no português falado no Brasil, encontra-se em estado de variação. Este é, portanto, um exemplo de

variável linguística: a marcação do plural no SN. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas: variante 1: presença do S e variante 2: ausência do segmento fônico S, a forma zero. Explicando melhor. O plural no português é marcado ao longo do SN: no determinante, no núcleo e nos modificadores. A variação pode manifestar-se, logo, nas seguintes formas: 1. AS blusaS bonitaS; 2. AS blusaS bonita0; 3. AS blusa0 bonita0. Da mesma forma, pode-se dizer que a marcação da terceira pessoa do plural dos verbos também está em variação. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas: a presença do morfema materializado no [m] de *Eles pegam os livros* x ausência da marca em *Eles pega os livros*.

Tanto a variante com ausência da marca S, no SN, quanto a variante com ausência do [m], no SV, não integram o padrão formal da língua portuguesa, mas são estruturas bastante comuns em outras variedades do português, cuja existência não pode ser ignorada por aqueles que ensinam a língua.

## O MÉTODO

Para a análise sociolinguística que se baseia no modelo apresentado, é necessária uma grande quantidade de dados. Uma vez que o modelo é de natureza quantitativa, a representatividade do *corpus*, isto é, do material selecionado para análise será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos principais objetivos do estudo a ser realizado.

Assim, o sociolinguista precisa participar diretamente da interação com os membros da comunidade, necessidade imposta pela própria orientação teórica, mas essa participação pode perturbar a naturalidade do evento. Para solucionar o problema, o emprego da entrevista sociolinguística pode minimizar o efeito negativo causada pela presença do pesquisador. Podem-se elaborar roteiros de perguntas para homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação e provocar narrativas de experiência pessoal nas quais os informantes ficam tão envolvidos que não prestam atenção ao modo como se expressam, o que gera a situação natural de comunicação pretendida pelo pesquisador.

Para analisar a variação de um fato, é necessário fixar as possíveis variáveis condicionadoras dessa variação, processo que partirá da intuição do pesquisador e conhecedor da comunidade analisada. Por exemplo, se é levantada a hipótese de o fator socioeconômico e o fator sexo estarem influenciando a realização de variantes, é necessário escolher informantes de diferentes grupos socioeconômicos, homens e mulheres, que constituirão as células sociais. Além disso, condições de ordem linguística poderão também ser fatores condicionadores da variação e deverão ser considerados variáveis. Como exemplo, no caso do apagamento do objeto anafórico, estruturas com referentes animados determinam o uso do pronome nominativo (ele/ela/eles/elas) e inanimados constroem-se, em geral, com o apagamento do OD: “Coloca uma ISCA no meio ...e bota ELA lá um tempozinho de dez minutos...”; “...não a TARRAFA é: natural... pendura (0) lá em qualquer lugar.”

O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos de fatores são, na realidade, responsáveis pela implementação de uma variante e que outros, contrariamente não têm influência nessa implementação e que outros, ainda, a desfavorecem.

Para ilustrar esses breves comentários sobre a sociolinguística variacionista, segue-se a apresentação de um trabalho sobre a variação da concordância verbal em textos escritos.

## CONCORDÂNCIA VERBAL

Os estudos sociolinguísticos revelam que a concordância verbal constitui um fato variável, isto é, como já comentamos, a concordância pode ser formalmente marcada ou não em função de fatores de natureza linguística ou de caráter sociocultural.

No que respeita aos falares do estado do Rio de Janeiro, os resultados de alguns desses estudos da modalidade oral comprovam a baixa produtividade no uso das marcas da concordância verbo/sujeito nas chamadas variedades populares do Estado e a alta produtividade da concordância na fala de locutores com alto grau de escolaridade<sup>1</sup>, resultados favorecidos, predominantemente, por fatores linguísticos, segundo os trabalhos consultados.

No que se refere à realização da regra, de acordo com Graciosa<sup>2</sup>, a concordância é bastante produtiva e acentuadamente favorecida no contexto em que o sujeito está anteposto e próximo ao verbo e o verbo se encontra em uma sequência discursiva. Os fatores favorecedores do cancelamento das marcas de concordância são, por outro lado, a posição do sujeito posposto ao verbo, a saliência fônica e o paralelismo no nível discursivo. Resumindo-se as informações dos estudos citados, conclui-se que a concordância verbal está solidamente ligada ao conceito da variedade linguística que está em exame.

Com base, então, nos referidos estudos, a presente investigação, que contou, inicialmente, com um *corpus* de vinte narrativas de alunos de séries de finais de ciclos (nono ano do Ensino Fundamental e terceira série do Ensino Médio), foi posteriormente enriquecido com dez textos de alunos do sexto ano. Procurou-se avaliar a competência de alunos de uma escola pública em relação ao emprego de estruturas preconizadas pela gramática no que se refere à concordância verbal, bem como a relação entre essa competência e a de produção textual.

Dessa forma, esta pesquisa procurou: a) identificar os contextos de solidariedade entre verbo e sujeito mais frequentemente empregados nos textos dos alunos; b) determinar quantitativamente a realização de concordância x não-concordância e c) estabelecer, com o auxílio dos estudos sociolinguísticos, possíveis

---

1 VIEIRA, Sílvia R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 87.

2 GRACIOSA, D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ.

fatores intervenientes na realização dessa regra variável.

Os resultados da análise de aspectos da concordância verbal referentes ao nono ano estão representados na tabela a seguir. Foram recolhidas 235 estruturas distribuídas pelos contextos assinalados na tabela, em que A e B se referem a sujeito simples, respectivamente, posposto e anteposto ao verbo; C, sujeito composto anteposto ao verbo; D refere-se à concordância entre o verbo na passiva pronominal e o sujeito; E, ao uso dos verbos impessoais; F diz respeito à concordância com o relativo de antecedente na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural; G e H referem-se à concordância do verbo *ser* com o sujeito ou predicativo, como em “o tesouro não *eram* os brinquedos”.

Contexto Ocorrências	seguem o padrão	não seguem o padrão
A – 1	0%	100 % ( 1 ocorrência)
B – 207	97% (201 ocorrências)	3% (6 ocorrências)
C – 1	100% (1 ocorrência)	0
D – 1	100% (1 ocorrência)	0
E – 7	100% (7 ocorrências)	0
F – 11	100% (11 ocorrências)	0
G – 5	100% (5 ocorrências)	0
H – 2	100% (2 ocorrências)	0

**Tabela 1: CV - oitava série**

O exame da tabela indica que, de modo geral, os alunos empregam as marcas da concordância verbal preconizadas pelas gramáticas nas formas da variante padrão por eles preferidas. O repertório de estruturas oracionais empregadas nos textos, no entanto, é bastante restrito; em 235 orações, houve 207 ocorrências de B (sujeito simples anteposto ao verbo), o que significa 89% do *corpus* analisado. Isso significa que os estudantes empregam basicamente na escrita o contexto *sujeito anteposto e próximo ao verbo* – ordem canônica da frase portuguesa – e que a concordância é a sua opção preferida.

Em apenas uma redação, ocorreu o emprego de verbo na passiva pronominal “*encontraram-se as dicas*” (e de acordo com a norma padrão). Nessa mesma narrativa, aparece a única ocorrência de *sujeito simples posposto ao verbo no corpus* e sem a marca de plural: “*Existia várias lendas*”, estrutura comum na oralidade, que aí interfere no discurso escrito, fato previsível nessa fase escolar.

Em relação ao contexto com *haver* (impessoal), observa-se, na maioria das narrativas, a substituição pelo verbo *ter*, fato quase categórico na modalidade oral, em todos os estilos, monitorados ou não. Exemplificam o fato as frases: “no baú *tinha* outra dica”; “*terá* uma punição para quem não seguir...”; “lá *tinha* um baú”.

No que se refere à concordância do verbo com sujeito representado por pronomes relativos (F), as onze ocorrências manifestam o uso normativo, como em: “as crianças que *sumiram*”; “as coisas que *estavam* na caixa” etc. Por outro lado,

conclui-se que o emprego do pronome e, por consequência, das orações relativas, no *corpus*, é muito restrito, pois foram registradas somente onze ocorrências nas redações examinadas.

Os resultados relativos à concordância verbal demonstram, então, obediência quase total às normas do chamado padrão formal, nas estruturas escolhidas pelos estudantes – que são bem restritas. Essa conformidade ao padrão na concordância verbal – na estrutura S + V – não se associa, no entanto, a uma escrita adequada: grande parte dos textos analisados é de difícil leitura, pois manifestam uso precário dos sinais de pontuação e dos elementos de coesão lexical, além de contarem com repertório vocabular restrito.

As análises do *corpus* da oitava série levam a crer que esses alunos não têm prática de atividades de escrita e de leitura, fato corroborado pelas fichas de caracterização sociocultural, em que aluno algum de oitava série indicou leitura frequente ou sequer ida espontânea à biblioteca da escola. Fica a impressão de que o ensino das normas gramaticais é realizado à parte do trabalho com o texto, tipo de trabalho fadado ao insucesso, no que concerne à finalidade do ensino de português, por não levar ao desenvolvimento da capacidade de expressão dos alunos.

Observe-se abaixo a tabela 2 com os resultados da análise dos textos do Ensino Médio, que contou com um total de 218 ocorrências.

<b>Contexto (ocorrências)</b>	<b>seguem o padrão</b>	<b>não seguem o padrão</b>
A 10 oco	70 % (7 oco)	30 % (3 oco)
B 152 oco	95% (144 oco)	5 % (8 oco)
C 1 oco	100 % (1 oco)	0
D 3 oco	100 % (3 oco)	0
E 7 oco	71% (5 oco)	29 % (2 oco)
F 12 oco	92 % (11 oco)	8 % (1 oco)
G 16 oco	94 % (15 oco)	6 % (1 oco)
H 17 oco	100 % (17 oco)	0

Os resultados, em relação ao mecanismo em análise, assemelham-se aos da oitava série, o que indica a não progressão do ensino escolar no que se refere ao domínio de um número maior de estruturas linguísticas. Constatou-se, por meio das fichas de avaliação, que os alunos do EM, em sua maioria, integram a classe média (com suas divisões) e têm acesso a livros, jornais, revistas e internet, mas que a Rede é o meio principal não só para a comunicação interpessoal, mas também para a obtenção de informações. Em muitos casos, é a única fonte de conhecimento e de prática de leitura com que contam esses jovens. Apenas alguns afirmaram ler livros, jornais e revistas e, assim mesmo, eventualmente.

Essa carência de boa leitura reflete-se nos textos dos estudantes. Além de a paragrafação dos textos produzidos ser ainda confusa, pelo excesso ou pela escassez,

utilizam-se poucos elementos coesivos, especialmente, de natureza lexical, como sinônimos, hipônimos etc., bem como advérbios e conjunções. Nota-se, igualmente, o uso repetitivo de palavras para a designação dos seres e das coisas, além da limitação no emprego dos vocábulos.

Com base no que foi exposto, e ainda pensando na frase que se tornou famosa pela crítica ao livro que citamos no início de nossa apresentação, o que faz a sociolinguística em relação a esses fatos variáveis do Português?

Em primeiro lugar, registra-os e, com base em pesquisas quantitativas, procura observar os fatores que os condicionam, não só sociais, mas também estruturais e, com isso, fornece ao professor instrumentos para trabalhar didaticamente com a variação.

No caso da concordância verbal, o texto deve ser o ponto de partida para a apreensão do fato gramatical. Utilizar materiais que empreguem a concordância como recurso expressivo para a construção do sentido do texto (*Inútil*, do *Ultraje a Rigor*) ou a variação na concordância para caracterização de um personagem em uma obra são recursos para despertar a consciência sobre o que representam sociolinguisticamente as variantes (uso da marca x não-uso da marca de concordância), o que fará o aluno empregar uma ou outra estrutura de acordo com a situação comunicativa.

Em conclusão, enfatizamos que a variação não deve ser repudiada em sala de aula, mas tratada como ponto de partida para o ensino das normas de prestígio, o que certamente facilitará sua apreensão de modo mais fácil e rápido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990 (título original, 1929).

BENVENISTE, E. *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*. In: *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989 (título original, 1968).

BRIGHT, SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE, 1964. 3.ed. Mouton, The Hague, 1966.

\_\_\_\_\_. *As dimensões da sociolinguística*. In: FONSECA, M.S.V. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 (título original, 1960).

GRACIOSA, D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ.

JAKOBSON, R. *Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências*. Lisboa: Bertrand, 1973.

\_\_\_\_\_. *Linguística e poética*. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.(título original, 1960).



LABOV, W. Sociolinguistics patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, Ática, 1985.

VIEIRA, Sílvia R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. (orgs.) Ensino